

Fotografia e pesquisa-ação: uma experiência

*Maria Lucia Secoti Filizola¹
Olga Rodrigues de Moraes von Simson²*

RESUMO

Este texto visa apresentar os resultados da utilização da fotografia e da pesquisa-ação em oficinas realizadas em uma instituição, na cidade de Campinas que, desde sua origem, atende crianças e adolescentes em situação de risco social e que a partir de 2002 passou a atender também um grupo de Terceira Idade.. O diálogo entre as idosas e a pesquisadora desencadeado no processo de produção da fotografia foi determinante para definição da metodologia adotada no decorrer dos trabalhos, pois a metodologia da pesquisa-ação revelou características interessantes para a construção social do envelhecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia; Pesquisa-ação; Envelhecimento; Gênero

Photography and action-research: an experience

ABSTRACT

This essay aims to introduce the results of the use of Photography and Action-Research in a work carried out at an institute that since its start worked with children and teenagers at social risk. Since 2002 it started working with a group of elderly people of the same community in the southeast of the city of Campinas. The dialogues established during the photograph workshops process determined the definition of the adopted methodology the Action-Research, which has revealed new and interesting characteristics of the social construction of aging.

KEYWORDS

Photography; Action-research; Aging; Gender

¹Mestre em Gerontologia pela Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Professora da UNIP. Professora Coordenadora da Pastoral da Pessoa Idosa, na arquidiocese de Campinas. Fotógrafa e pesquisadora ligada ao Grupo de Pesquisa Memória e Fotografia (GPMef) do Centro de Memória da Unicamp. E-mail: lucia.secoti@gmail.com – Brasil.

²Cientista Social. Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP. Professora no curso de Pós-Graduação em Gerontologia da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Pesquisadora ligada ao Grupo de Pesquisa Memória e Fotografia (GPMef) do Centro de Memória da Unicamp. E-mail: simson@superig.com.br – Brasil.

VILA CASTELO BRANCO

A Vila Castelo Branco, antiga Vila Bela é o segundo núcleo habitacional de casas populares entregue, em Campinas, pela Cohab³ em agosto de 1967. Localizado nas bordas da cidade, sem água, sem luz, sem escola, sem transporte, sem comércio e sem nenhuma infraestrutura, as famílias foram empurradas para esta região – a Noroeste, pelo o processo de verticalização do centro de Campinas.

Formada, por operários, donas de casa, domésticas, babás, a população da Vila Castelo Branco concentra, na sua maioria, famílias com baixo poder aquisitivo.

A prefeitura de Campinas com esta dinâmica de criação de bairros operários, condicionada pelas políticas públicas procurou estabelecer uma segregação espacial e social. Desde sua origem, as vilas com as características apresentadas pela Vila Castelo Branco, foram estigmatizadas pela população de classe média.

Mas, com o passar das décadas, a Vila Castelo Branco, deixou de ser aquele bairro distante, à margem da cidade, sem infra-estrutura, como costumava ser apresentado em diversos relatos jornalísticos. Com o desenvolvimento da cidade, outros bairros foram nascendo nas regiões mais afastadas e hoje a Castelo Branco está integrada à mancha urbana campineira como um local de moradia de pequena classe média.

No que tange à formação das famílias da Vila Castelo Branco, é importante ressaltar que nos dias atuais, as mulheres que outrora criaram os filhos nesta região, são hoje maioria e, dentro de uma das características do envelhecimento mundial, a feminização⁴ da

³ A Companhia de Habitação Popular de Campinas - Cohab/Campinas, empresa de economia mista, foi criada em 17 de fevereiro de 1965 através da Lei 3.213, tendo como acionista majoritária a Prefeitura Municipal da cidade. De cunho eminentemente social, tem por objetivo o planejamento, produção, comercialização de unidades habitacionais e repasses de financiamentos, especialmente destinados à população de baixa renda, obedecendo as diretrizes estabelecidas pelos governos do Município, do Estado e da União. No âmbito municipal e regional, na qualidade de agente financeiro e promotor do Sistema Financeiro da Habitação é responsável pela aplicação da política nacional de habitação de interesse social, que opera com recursos do FGTS, além da implantação de outros programas para financiamento da moradia criados com recursos próprios e de terceiros, que objetivam a redução do déficit de habitações. (COHAB)

⁴ Dentre os estudos sobre envelhecimento populacional, uma área que tem recebido bastante atenção é a “feminização da velhice”. Dada a menor mortalidade feminina, as mulheres predominam entre a população idosa, principalmente, entre a muito idosa. (...) A predominância da população feminina entre os idosos é comprovada internacionalmente e é maior nos países desenvolvidos. Em 2000, a razão de sexos do Reino Unido e do Japão foi de 77% e a da população brasileira de 81,6%. Em outras regiões, tais como no sul da Ásia, essa relação não é tão clara, talvez, devido ao viés masculino na população como um todo. (LYOD-SHERLOCK, 2002). De acordo com Lyod-Sherlock (2002), mesmo que a velhice não seja universalmente feminina, ela possui um forte componente de gênero. Como apresentou no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG – Brasil, de 18 a 20 de setembro de 2004, a coordenadora de pesquisa do IPEA e professora do Mestrado em Estudos Populacionais da ENCE, Dra. Ana Amélia Camarano.

velhice. Ressaltando que, apesar de avós, são mulheres, aposentadas ou não, continuam trabalhando e sendo provedoras de suas famílias.

Em entrevista a Agência Fapesp, denominada “Um país mais velho”, o demógrafo Luiz Antônio Oliveira, coordenador de população e indicadores sociais do IBGE fala sobre esta questão e traz um outro elemento que contribui para a intensificação desta feminização da velhice na região da Castelo Branco – a violência.

A mulher tem sobrevida maior e isso se deve a uma série de fatores. Em nosso país, essa situação é ainda mais agravada pela mortalidade de jovens do sexo masculino entre os 18 e 30 anos por causas associadas à violência. Para se ter uma idéia, a incidência da mortalidade masculina no grupo etário entre os 20 e 24 anos é quase quatro vezes superior à feminina. Se isso não ocorresse, a esperança de vida dos homens seria de dois a três anos maior do que é hoje. Portanto, se não houver uma mudança nesse padrão, em 2050 o Brasil terá 7 milhões de mulheres a mais, do que homens. Elas, na verdade, já são maioria. Para cada 100 meninos nascidos, nascem em média 105 meninas, é uma constatação biológica. Outro fator é que a mortalidade infantil dos meninos é maior que a das meninas. (OLIVEIRA, 2008)

Estas avós, mulheres mais velhas ainda cumprem, em muitas famílias a função de responsável pela criança, substituindo ou completando o papel que deveria ser de formador dos genitores.

No que se refere à estrutura familiar, há dois modelos distintos que englobam avós e netos nessa situação de cuidado e papéis expandidos. Na primeira, temos os lares compostos por três gerações que tiveram considerável aumento a partir da década de 80, em que ambos, os pais ou ao menos um deles reside com avós e netos. Já na segunda, mais comum a partir da década de 90, os pais estão ausentes do lar e cabe aos avós todo cuidado dos netos. (GOODMAN; SILVERSTEIN *apud* LOPES; NERI; PARK, 2005).

As razões para essa nova estruturação familiar são apontadas pelas autoras citadas acima: uma das causas mais comuns (relacionada às alterações recentes da nossa sociedade) a inserção das mulheres no mercado de trabalho dificultando-lhes o cuidado integral dos filhos; as dificuldades econômicas, como desemprego dos pais criando a necessidade de ajuda financeira, por parte dos avós; o divórcio do casal, com retorno de um dos cônjuges para casa dos pais, juntamente com os netos; o novo casamento de pais separados e a não aceitação das crianças, por parte do novo cônjuge; a gravidez precoce e o despreparo da adolescente para cuidar dos filhos; a morte precoce dos pais, devido à violência ou doenças como a AIDS; a incapacidade dos pais, decorrente de desordens emocionais ou neurológicas; o uso de drogas ou envolvimento em programas de recuperação para usuários de drogas; o envolvimento em situações ilícitas e finalmente os problemas judiciais, dele decorrente.

O ato solidário de receber em suas casas os filhos, netos e, em algumas situações, também genros ou noras, exige destas mulheres um retorno às atividades remuneradas, mesmo que as mesmas aconteçam informalmente. Em alguns casos elas nunca não pararam de trabalhar. Esta questão é abordada pela pesquisadora Peixoto (2004), quando coloca a importância dos mais velhos nesta função de prover a família, dentro de um contexto de retração do mercado de trabalho para os mais novos. Não bastando esta realidade, há na atualidade um maior número de separações e de divórcios, o que intensifica o retorno dos filhos adultos para casa dos pais. Como aponta essa autora mencionada.

Desemprego, divórcio, viuvez, filhos que não saem nunca de casa: estas são razões que explicam por que, no Brasil, as gerações mais velhas coabitam cada vez mais com as gerações mais jovens – fenômeno que é ainda mais comum nas famílias das camadas populares. (PEIXOTO, 2004, p. 75)

É numa realidade com tais características que se dá o envelhecimento da primeira geração de mulheres que vieram a viver na Vila Castelo Branco. Portanto este é o contexto que se deu a construção do trabalho aqui apresentado.

FOTOGRAFIA: O DESENVOLVIMENTO DA OFICINA

Na busca de fornecer atividades diferentes daquelas cotidianamente desenvolvidas pelas mulheres, em suas vidas de donas de casa, surgiu a opção pela oficina de fotografia, encarado como uma mistura de registro documental e de arte e que para elas era praticamente desconhecida, dado sua origem social e seu grupo etário.

Dentro de uma proposta de educação não-formal (que deve ser sedutora e envolvente) propor a elas a oportunidade de fotografar se mostrou uma estratégia bem sucedida de aproximação entre a pesquisadora e o Grupo Viver em Ação, pois adquirir a capacidade de manejar a máquina fotográfica era um desafio que as entusiasmava.

Durante o desenvolvimento das oficinas foi abordado primeiramente, o tema da fotografia como é conhecida por elas, isto é: aquela possibilidade de registrar e marcar os rituais que constituem a trajetória de vida das classes populares – Todas possuíam fotografia de casamento, fotografia de batizado, fotografia de primeira comunhão e foram discutidas as dificuldades da maioria dos brasileiros em ter uma máquina fotográfica para fazer suas próprias fotos, principalmente nos anos 60 e 70, época em que elas chegaram à Vila Castelo Branco.

Os registros fotográficos familiares, trazidos por pelas participantes, foram o ponto de partida para percorrer a história da fotografia, a evolução dos equipamentos e das técnicas. Trabalhar com o acervo pessoal de cada participante prendeu-se a três fatos: primeiramente para que elas não se sentissem distanciadas do universo da fotografia, proporcionando uma interação com o tema que foi espontânea, sincera, motivadora e profícua tendo em vista que elas, com suas fotos em mãos, falaram do seu mundo, das vivências, e conquistas, enfim da suas trajetórias de vida.

Num segundo momento, como os registros fotográficos contem no seu bojo, além da imagem visível, um conteúdo invisível no qual o peso afetivo predomina, as idosas ao manusearem o material por elas trazido, também foram tateando aspectos do seu mundo interior e desta forma, através dos seus relatos, pudemos conhecê-las melhor e estabelecer uma relação de confiança e proximidade para o desenvolvimento do trabalho. E por fim, de forma subjetiva mas concreta, pudemos construir com elas o sentimento de pertencimento à Vila Castelo Branco, à região e à cidade de Campinas.

Abaixo algumas fotos das participantes da oficina de fotografia.



FIGURA 1 – Foto do casamento de Vera Lucia Ferreira Luiz, que realizou-se em Minas Gerias⁵

⁵ FONTE – Acervo pessoal das participantes da oficina. Idem Figuras 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 10.



FIGURA 2 – Foto da viagem da família de Celia Ferreira Andrade Augusto, ao Santuário de Aparecida do Norte/SP



FIGURA 3 – Foto de Maria da Conceição Altino, em frente da casa dos seus patrões, no Cambuí. Em seus braços, a criança que ela, como babá, cuidava



FIGURA 4 – Foto de Maria Aparecido Bento, em frente a casa de seus patrões

Com as fotos e as informações que as lembranças, via imagens, iam provocando fui apresentando a história da fotografia, falando das possibilidades de enquadramento, do foco, da luz, do uso do flash, o que pode tornar uma determinada fotografia mais atraente do que outra. Salientar a importância da fotografia, e seus vários estilos, mostrar as diferenças entre a fotografia preto e branco e as fotos coloridas. Comentei o desaparecimento da profissão de fotógrafo de bairro e principalmente as concientizei sobre a riqueza dos registros feitos pelas famílias. Evidenciar que naquelas fotos, ali sobre a mesa, estava registrado não somente o dia-a-dia, dos cidadãos anônimos, mas que aquele material poderia nos auxiliar na elaboração da história das famílias, da história do bairro, da cidade e do país. Aquelas imagens - *Imagens do Meu Mundo* - compunham um acervo maior referente à vida cotidiana das famílias da Castelo Branco, que nos pode fazer entender melhor a luta das classes populares da nossa cidade. Cabe notar também que:

Esse poder das fotografias de família dá conta de sua capacidade reveladora, dando origem a terapias fotográficas – em que o observador é levado a desenterrar as fotografias arquivadas na memória, reconstruindo-as ou até reinventando-as para se ajustarem às suas fantasias ou projetos -, mas também a sua utilização como auxiliar na técnica de obtenção das histórias de vida, tão corrente hoje na Psicologia e na Sociologia. (LEITE, 1992, p. 47)



FIGURA 5 – Foto da Primeira comunhão do filho de Celia Ferreira Andrade Augusto, na Igreja Nossa Senhora de Guadalupe

“Pedíamos para o fotógrafo, que vinha na igreja, tirar a foto.” comentou Maria Reis.

Uma das idosas, a Maria do Carmo, lembrou que o papel do fotógrafo, seja no estúdio ou nas festividades aconteceu até em décadas mais recentes. Recordou que na época, em que ela era menina, lá em São Paulo, a mãe a levou ao estúdio para fazer a foto. Dona Vera contou que lá em Minas Gerais, também era difícil, tirar foto. Disse também que tinha uma máquina bem velhinha, que não sabia usar e nem sabia se ainda estava funcionando e queria muito aprender a tirar fotos.

A partir da fotografia apresentada abaixo, dona Carmem falou do tempo de fartura que viveu lá em Amparo-SP e explicou. “Esta aqui é a minha cabritinha. O leite que eu tomava vinha dela.” Desta maneira tentou explicitar uma certa nostalgia de dias melhores vividos na infância.

“Papai morreu e mamãe nos criou, dez filhos, com muitas dificuldades.”



FIGURA 6 – Foto da família de Carmem Bueno Oliveira Fogaça, quando residiam em Amparo- SP

Kossoy, pesquisador renomado na área da fotografia, revela:

Os homens colecionam esses inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para que possam recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias ao longo da vida. Apreciando essas imagens “descongelam” momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida. Acrescentando, omitindo ou alterando fatos e circunstâncias que advêm de cada foto, o retratado ou retratista têm sempre, na imagem única ou no conjunto das imagens colecionadas, o “start” da lembrança, da recordação, ponto de partida, enfim, da narrativa dos fatos e emoções. (KOSSOY, 2003, p. 45)

Foi o que dona Adeliza, estimulada pelas fotos antigas, no seu jeito calmo e pausado de falar, comparou:

Aqui era muito diferente do que é hoje, não tenho fotos daquela época quando vim para cá, morar na minha casa, a gente não tinha dinheiro, sabe! O ônibus ia só até lá em cima, próximo do Supermercado Enxuto, descíamos a pé da Anhanguera para cá.⁶

É o passado, que estando tão vivo na memória e se faz tão presente porque a fotografia, com a multiplicidade de registros, fornece o reavivar das memórias, permitindo o ir e vir das lembranças.

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios. (HALBWACHS, 2004, p. 55).

Para além da formação da memória individual, Halbwachs aponta que as lembranças podem, a partir desta vivência em grupo no bairro e em determinado período histórico, ser reconstruídas ou apropriadas, dado a similitude das experiências por elas vivenciadas. “Podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica.” (HALBWACHS, 2004, p. 76-78).

Halbwachs nos mostra que nossa visão sobre um fato passado é formada por informações que recebemos de reconstruções realizadas por gerações que nos antecederam.

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (HALBWACHS, 2004, p. 75-76).

Num segundo momento das oficinas foi proposto às participantes um exercício prático. Com um retângulo de papel, em forma de moldura, assemelhando-se ao visor da

⁶ O trajeto citado por dona Adeliza, perfaz um total de 1,5km. Uns Estava caminhada se dava num terreno acidentado e sem asfalto, naquela época.

máquina fotográfica elas saíram em busca das imagens que mais lhes agradavam ao olhar ou o que lhes chamava atenção, dentro da própria instituição e nas proximidades. E assim, de forma simples e lúdica eles estariam introjetando os conceitos de composição e enquadramento. Esse foi na verdade, o nosso segundo objetivo. Pois o primeiro foi o de quebrar o bloqueio para fotografar, bloqueio este imposto por anos de dificuldades financeiras, que as distanciavam desta possibilidade criativa.

No segundo dia de oficina, começamos a reconstrução de uma memória baseadas nas “imagens” selecionadas através da dinâmica do retângulo de papel. Eis os comentários surgidos:

A máquina de costura. Costurar para a família era a nossa tarefa. É a primeira vez que eu fotografei, aqui na sala, eu gostei da experiência. Foi bom. disse dona Leonor.⁷

Eu, disse Célia, fotografei os instrumentos de percussão, a escada, também a máquina de costura, a sala que tem um quadro com uma paisagem com árvores. De todas as fotos a da máquina de costura é muito importante pra mim, por ser antiga. Já tive várias experiências em fotografar.

Ah! Eu fotografei uma criança sorrindo, um vaso com planta, a Regiane grávida – uma nova vida, uns garotos fazendo peraltices e minhas amigas. Achei bom. Nunca tinha feito antes. É uma experiência nova. Foi estranha e boa.” narrou Maria do Carmo.

Seu Waldemar, quase não falava, e quando falava, o fazia baixinho:

Nossa Senhora Aparecida, linda! A menina, linda! A Regina, linda! Achei o fotografar ótimo.

Neste dia o assunto abordado foi sobre os filmes fotográficos. Das diferenças existentes – sensibilidade, definição, contraste, granulação; filmes coloridos e filmes P&B e seu uso. O que eles mais ansiavam era aprender como colocá-lo no equipamento. Após este momento da oficina, eles começaram a manusear o equipamento, ali, no próprio Progen, explorando este ambiente, bem conhecido.

Como precisávamos definir o roteiro da caminhada fotográfica para o próximo e último dia da oficina, levei um mapa da região com este intuito. Decidiram o roteiro, sem olhar o mapa, já tinham o bairro mapeado na memória. Sabiam que queriam fotografar uma área que pertencia ao bairro, mas cujo abandono não permitia sua fruição pelos moradores. Iriam fotografar a parte lá debaixo - A Praça dos Trabalhadores, uma escolha que foi feita

⁷ Dona Leonor e seu esposo, o Seu Waldemar só participaram neste momento da pesquisa. Somente na oficina de fotografia.

anteriormente por elas, pois já tinham o seu ponto de vista definido – abordar a realidade criticamente.

A Praça dos Trabalhadores é conhecido jocosamente, nesta localidade, pelo apelido de Pinicão. Uma das participantes, não concordava com a escolha das demais. Sendo moradora mais recente no bairro, trouxe o apelido à baila e disse não querer fotografar ambientes feios.

“ Quero fotografar coisas bonitas. Estou cheia de ver feiúras.”

Foram as moradoras mais antigas que disseram não gostar que este espaço seja lembrado desta maneira, por entender que este fato denigre o bairro. Uma delas colocou:

“Aí sim é que temos que fotografar. Quanto mais abandonado ele fica, mais feio vai ficar.” Denotando o uso do registro fotográfico como uma forma de denunciar e protestar.

Passada a celeuma, o roteiro foi mantido.

O processo da pesquisa-ação não deve ser concebido em um universo fechado, parametrizável e definível do início ao fim da experiência. Inscreve-se em uma problemática social concreta que se procura desenvolver. O papel do pesquisador consiste em assegurar a abertura da pesquisa-ação não só dentro do respeito aos valores éticos, como também dentro do contexto e dos ritmos próprios a cada parceiro, com o intuito de permitir a participação de todos e a emancipação de cada um. (ANDALOUSSI, 2004, p. 137)

O terceiro e último momento da oficina foi a saída fotográfica que fechava a experiência coletiva desse grupo com o domínio do ato fotográfico. O clima reinante misturava sentimentos de alegria, contentamento, orgulho e curiosidade.

Logo no início da caminhada, o grupo encontrou uma moradora do bairro que brincando perguntou se éramos turistas? Dona Célia respondeu orgulhosa, com sua voz forte e imponente. *“Não. Estamos fazendo um curso de fotografia para aprender a fotografar e registrar nossas memórias.”* E Maria Reis, uma outra fotógrafa em formação, convidou: *“Vem você também.”*

Os sentimentos de união, companheirismo, solidariedade e participação eram percebidos, a todo momento, dentro do grupo. Sentimentos que foram sendo formados junto com a construção e o desenvolvimento da Vila Castelo Branco e que a realização da oficina só reforçou. Sou uma, mas juntos somos mais fortes.

Tal sentimento misto de companheirismo e de pertencimento é o que garante, de certa forma, a coesão do grupo, esta unidade coletiva concebida na busca de um objetivo comum que permite superar conflitos e diferenças. (HALBWACHS, 2004, p. 51-52).

Mas também é formado pelas lembranças comuns construídas pelos membros do mesmo grupo:

As lembranças podem ser simuladas quando ao entrar em contato com as lembranças de outros sobre pontos comuns em nossas vidas acabamos por expandir nossa percepção do passado, contando com informações dadas por outros integrantes do mesmo grupo. (HALBWACHS, 2004, p. 78).

Se sentindo realizadas pelo sentimento de ter vencido o receio de sair fotografando o bairro, terminamos a caminhada e a oficina com um piquenique . A proposta era realizarmos o piquenique, na praça localizada em frente a igreja Nossa Senhora de Guadalupe, mas o grupo não aceitou. Elas preferiram o espaço cedido no próprio PROGEN – Projeto Gente Nova, instituição que as abrigou para realização das oficinas.

Podemos concluir observando que aos poucos elas foram conquistando o saber fotográfico, desenvolvendo um olhar mais atento para captar as imagens, além de aprender a conhecer e reconhecer a sua Vila, através de um outro olhar mais detalhista e crítico. Durante este processo de percorrer as ruas do bairro, elas também foram fazendo questionamentos sobre sua vida, sobre o processo de envelhecimento, bem como enfocando as questões sócio-culturais que a comunidade enfrenta.



FIGURA 7 – Construção abandonada no bairro. Foto realizada por Celia Ferreira Andrade Augusto

Ao fazer um recorte do cotidiano vivido no bairro, através do visor da câmera fotográfica, elas puderam não somente focar o ambiente externo, mas foram capazes de voltar o foco para si mesmas.



FIGURA 8 – Painéis da exposição confeccionados pelas participantes⁸

Desde o início da proposta da oficina já havia sido discutido com as idosas que o círculo de produção imagética só se fecharia com a devolução dos resultados através de uma exposição a ser realizada em local por elas escolhido.

O diferencial desse processo foi a forma como elas decidiram expor suas produções fotográficas: em painéis retangulares que apresentavam a forma de casas populares. A vinda deste grupo para a região prendeu-se ao programa de habitação popular.

A exposição das imagens que teve também um tom particular, pois contribuiu para a recuperação de trajetórias pessoais. Foi possível reconstruir assim situações e vivências, que não haviam sido relatadas pela história oficial, delineando histórias diversas na cidade e na própria Vila Castelo Branco, como também, legitimando a função social dos velhos, entendida como o ato de rememorar. Park afirma:

A auto-estima é constantemente trabalhada através de tal metodologia, pois sujeitos históricos são requalificados como tal. Velhos assumem sua função social de portadores de memória privilegiados, todos imbuídos do desejo de escrever uma história que ocorreu às margens, que restou em memórias e vozes e que, dessa maneira, através de um discurso polifônico assumem sua historicidade, não mais latente e particular mas, sim, coletiva e pública. Dividida e geradora, aliciadora de novas vozes/memória que ao dialogarem com os materiais coletados expandem as redes, alargando fronteiras e transformando espaços em lugares de pertencimento. (PARK, 2001, p. 43)

“A gente veio pra cá, pra Castelo Branco, por causa da casa, da nossa casa. Com a minha irmã foi assim.”, disse Dona Aparecida Fidélis. O grupo concordou e assim foram concebidos os painéis que iriam expor as fotos feitas por eles, em forma de casas recortadas em cartolina colorida. Reconstruíam nos papéis a imagem da Vila Castelo Branco que elas tinham guardada na memória e também a da Vila imaginária que gostariam de ver nos dias atuais, apresentando casas sempre coloridas, alegres, floridas e com portas e janelas abertas. A

⁸ FONTE – Foto de Willian Soares.

concepção da denominação anterior da vila, que teve de ser abandonada por imposição política, estava presente naqueles painéis -Vila Bela. É dessa forma, ainda hoje, que elas veem seu local de moradia. É esta imagem idealizada que trazem consigo na memória. Ao andar pelo bairro reconhecendo-o e conhecendo-o, percorreram também as suas memórias e trajetórias dentro da Castelo Branco, como elas mesmas chamam o bairro.

Fotografia é Memória e com ela se confunde. O estatuto de recorte espacial/interrupção temporal da fotografia se vê rompido na mente do receptor em função da visibilidade e “verismo” dos conteúdos fotográficos. A reconstituição histórica de um tema dado, assim como a observação do indivíduo rememorando, através dos álbuns, suas próprias histórias de vida, constitui-se num fascinante exercício intelectual onde podemos detectar em que medida a realidade anda próxima da ficção. (KOSSOY, 2002, p. 132).

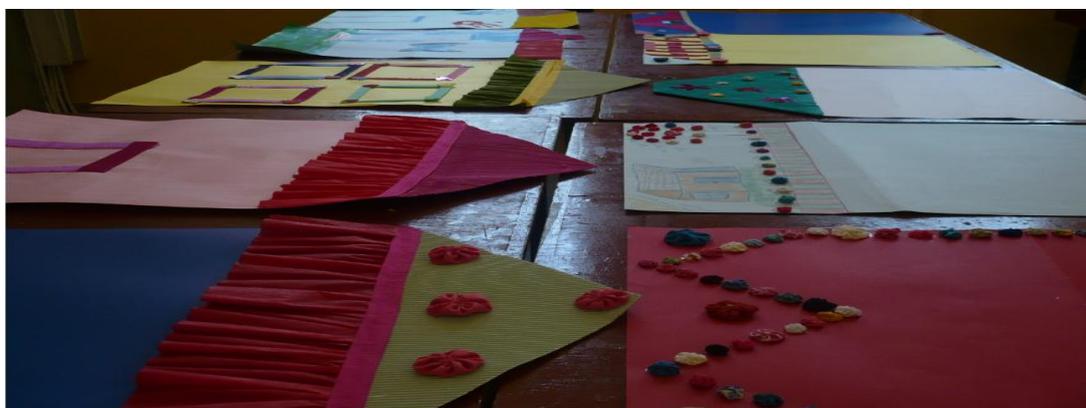


FIGURA 9 – Painéis para a montagem da exposição confeccionados pelas integrantes do Grupo Viver em Ação⁹

Segundo Bachelard: “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz” (2008, p. 26).

Essa frase reafirma a casa como uma das maiores representações coletivas que permite interligar os pensamentos, lembranças, os sonhos do homem e os seus devaneios. A casa é vista, segundo Bachelard (2008), como o grande berço, o aconchego e proteção, desde o nascimento do homem: é o paraíso material.

As lembranças da casa estão guardadas na memória, no inconsciente e acompanham-nos durante toda a vida. Sempre nos voltamos a elas nos nossos devaneios.

O outro grande desafio que foi colocado para as fotógrafas foi o de dar nome a exposição: Que responsabilidade! comentou uma das participantes. Elas sugeriram diversos nomes. Percebi que ao nomear a exposição, explicitava-se um sentido de pertencimento. Elas

⁹ FONTE – Foto de Lúcia Secoti.

tinham aguçado o olhar e este aguçamento propiciou um encontro com os sonhos que as trouxeram para a Vila Bela. Os muitos nomes sugeridos não poderiam ser descartados, pois na verdade refletiam a sua identidade. Não eram meramente nomes para uma exposição, eram a explicitação de sonhos, lutas e conquistas revividos pela memória. Resolvi presentear-las com todas as sugestões. Os nomes sugeridos para a exposição teriam a função de telhas para a casa desenhada no retângulo de cartolina. Juntos, os vários nomes constituem o telhado da casa que abriga as pessoas. Morar na Castelo Branco, não era mais uma etapa de constantes mudanças de residência, de pedidos para morar de favor, não era mais um contrato de aluguel que consumia boa parte do rendimento, era a propriedade da casa tão sonhada! Entendi porque elas por unanimidade concordaram com o pensamento de dona Aparecida Fidélis, mencionado anteriormente.

Assim os títulos, na função de telhas, foram colocados:

**Vila Castelo Branco, Fotografias Versáteis, Exposição Guadalupe,
Eu e o Progen, Uma Tarde Alegre da Terceira Idade,
Uma Tarde Diferente, Praça dos Trabalhadores.**

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para veiculação das idéias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública (...) As imagens fotográficas, entretanto, não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. Elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram esteticamente congelados num dado momento de sua existência/ocorrência. (KOSSOY, 1993, p. 13-14)

Essa trajetória tão conscientizadora vivida pelo grupo das avós definiu não somente o lugar de expor suas fotos, mas também como expô-las, pois a metodologia da pesquisa - a pesquisa-ação - permite delegar ao pesquisado as decisões no processo de construção do conhecimento.

Em geral, a idéia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável, quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. (THIOLLENT, 2008, p. 18)

Esse mesmo autor exemplifica a participação dos pesquisados na pesquisa-ação no texto a seguir:

...a pesquisa-ação é organizada para realizar os objetivos práticos de um ator social homogêneo dispondo de suficiente autonomia para encomendar e controlar a pesquisa. O ator é frequentemente uma associação ou um agrupamento ativo. Os pesquisadores assumem os objetivos definidos e orientam a investigação em função dos meios disponíveis. (THIOLLENT, 2008, p. 19)

No planejamento inicial da pesquisa os passos seriam: após a montagem da exposição fotográfica, faria a coleta de dados sobre as idosas através de entrevistas, seguidas da transcrição e análise temática do material colhido, finalizando assim o trabalho. Mas, no decorrer da pesquisa, percebi que as exigências do grupo eram mais amplas e, o planejamento inicial foi reformulado. Era necessário oportunizar a ampliação do olhar deste grupo para fora de seu espaço de moradia. A raiz deste repensar estava estampada no nome que elas haviam dado ao próprio grupo - Viver em Ação.

De diversas formas as idosas haviam explicitado tal demanda, ao longo do processo de trabalho, a oportunidade de continuar ampliando seus olhares sobre o mundo que as cerca.

A ação na pesquisa-ação é, diferente de um plano de ação ou de um programa em que são estabelecidas as etapas e submetidos os recursos (humanos, logísticos e financeiros) às exigências dos objetivos e do calendário. É da ordem da estratégia e não do objetivo programado, é de natureza paradigmática e não programática. (ANDALOUSSI, 2004, p. 146)

Ele ainda reafirma:

Os conhecimentos se constroem à medida que atores e o pesquisador avançam na resolução dos problemas. A ação é, simultaneamente, fonte de conhecimento e meio de impulso para a renovação desse conhecimento. (...) Ao participar das discussões, reflexões e avaliações múltiplas possibilitadas pela pesquisa-ação, os atores adquirem conhecimentos novos, fonte de novas necessidades de formação e de ampliação de novos horizontes. (ANDALOUSSI, 2004, p. 139)

Muitas das idosas ficaram extasiadas ao ver o resultado das suas fotografias, pois puderam encontrar em espaços tão próximos às suas casas, imagens que as tocaram profundamente. Isso nos permitiu falar de novos ângulos, de outras perspectivas ao ensinar a técnica da fotografia, pois tocamos na própria construção do ato de ver os acontecimentos do cotidiano. Ver e rever, esta flexibilidade que a feitura da imagem exercita, nos ajuda a tirar a rigidez que impomos às nossas retinas no ato de viver. Ao perceber em si este novo olhar, elas reconstruíram o modo de ver a realidade cotidiana, abrindo brechas nos quadros até então definidos das suas vidas.

A imagem fotográfica é, portanto, indiciária, na medida que propicia a descoberta de “pistas de eventos não diretamente experimentáveis pelo observador”. Trata-se dos indícios existentes na imagem (iconográficos), e que acrescidos de informações de natureza histórica, geográfica, antropológica, técnica, a carregam de sentido. (KOSSOY, 2007, p. 41)

A imagem possibilita discussões, suscita reflexões, apresenta estratégias, construindo assim conhecimentos. Ao ser emoldurada pelas metodologias da pesquisa-ação e da história oral, os retratos se fortalecem e nos presenteiam com uma fonte de conhecimento. “Ao participar das discussões, reflexões e avaliações múltiplas possibilitadas pela pesquisa-ação, os atores adquirem conhecimentos novos, fonte de novas necessidades de formação e de ampliação de novos horizontes.” (ANDALOUSSI, 2004, p. 139)

O trecho da fala de uma das participantes, Maria do Carmo, que ao ver sua foto tirada durante a caminhada fotográfica, que foi por ela intitulada O PARAÍSO, nos aponta como uma primeira ampliação do olhar já havia sido conseguida “Nunca tinha olhado pra esta alameda assim. Ela mudou muito. Mudou minha imagem. Representa outro lugar, não aquele que está abandonado.”



FIGURA 10 – O Paraíso. Foto de Maria do Carmo

Tendo dominado os primeiros passos da técnica, ao sairmos para conhecer o trabalho de outras fotógrafas, as mulheres se entusiasmaram e se dispuseram a explorar em grupo novos espaços ainda desconhecidos da zona mais central da cidade, como se a presença das colegas e vizinhas lhes proporcionasse maior ousadia e decisão. Conhecendo a

importância do registro imagético para a construção da memória individual e social elas resolveram deixar suas marcas na memória do Progen, organizando a exposição que reuniu seus próprios registros imagéticos e enfatizando a necessidade de compartilhá-los com os jovens atendidos pela instituição.

A GUIA DE CONCLUSÃO

Há décadas atrás, nas margens da cidade, assim se deu a primeira conquista dessas mulheres: a casa própria. A região que foi estigmatizada desde seu início, tem na figura destas mulheres, negras ou afro-descendentes em sua grande maioria, a primeira geração a envelhecer nos domínios da Vila Castelo Branco. A característica peculiar do grupo estudado é o convívio constante num espaço comum, através de décadas. Este envelhecimento que se dá dentro de uma região metropolitana, que geralmente exclui os idosos, é um envelhecimento diferenciado graças, a intensidade de suas relações sociais.

Além dos dados referentes à faixa etária, escolaridade, grau de parentesco, de rendimento, foi encontrado no grupo de idosas do Progen uma resiliência¹⁰ comunitária frente as adversidades enfrentadas.

Durante o trabalho observamos outra característica marcante apresentada pelo grupo Viver em Ação: a de aprender com facilidade, pois dada a sua abertura para o novo, a curiosidade e a participação sempre se mostraram presentes. Elas buscavam nos espaços abertos à Terceira Idade, não somente o lazer e o convívio social, mas a oportunidade de obter conhecimento que não lhes foi possível obter em outras etapas da vida.

Como afirma um pesquisador: as mulheres brasileiras, especialmente nas últimas décadas, das mais diversas formas, têm afirmado a sua cidadania, constituindo-se como sujeitos sociais através dos seus movimentos e ações, ligados ou não às instituições políticas. Esta situação não é exclusivamente brasileira. Pelo contrário, a presença feminina nos processos de mudança sócio-política em países como Argentina, Uruguai, Chile, Peru, Bolívia, Nicarágua e outros mais, tem-se evidenciado de forma significativa, merecendo

¹⁰ Em Física, a resiliência (de resilio: voltar ao estado original, recuperar a forma original) se refere à capacidade dos materiais de voltar à sua forma, quando são forçados a se deformar. O estudo da energia investida na deformação sem ruptura aprofundou-se em relação aos metais e às conseqüências dos choques entre objetos. As ciências sociais consideram essa metáfora frutífera para descrever fenômenos observados em pessoas que, apesar de viverem em condições de adversidade, são capazes de desenvolver condutas que lhes permitem uma boa qualidade de vida. (RAVAZZOLA, 2005). Nome do autor maiúsculo... Resiliência: “um processo dinâmico que tem como resultado a adaptação positiva em contextos de grande adversidade”. (LUTHAR et al., 2000 *apud* INFANTE, 2005).

estudos e reflexões mais detidas. Ser mulher na América Latina hoje, envolve a luta pelo reconhecimento da sua posição como sujeito social presente no contexto latino-americano, exigindo dos analistas da sociedade uma atenção especial que destaque a diferenciação por gênero. (BRITO, 2001)

Na relação entre a passagem do tempo e da construção do social “o caso da mulher é mais complexo.” Como diz Paul Bastide e continua: Ela se situa, mais concretamente que o homem, no cruzamento do tempo biológico e do tempo social. Ela se defronta com dois tempos acabados: o da reprodução biológica e o da produção social. Suas funções, na sociedade e na família, são complexas e heterogêneas. Ela é particularmente sensível às conseqüências físicas do tempo.

Assim, pelo domínio de um novo saber, o de registrar a realidade via imagem, as mulheres da Vila Castelo Branco se fizeram mais cidadãs e buscaram compreender a sua cidade, a sua vila – a Vila Bela¹¹ e a si mesmas para melhor transformá-la em uma região na qual os vários grupos etários possam conviver em harmonia e lutar por um futuro mais justo e solidário.

Ao caminhar com este grupo de mulheres, que envelhecem na Vila Castelo Branco pelas ruas do bairro, por espaços de memória na cidade, percebemos o seu desejo de continuarem contribuindo com a sociedade e como na feitura do retrato oferecem nessa trajetória de luta o seu melhor ângulo.

REFERÊNCIAS

ANDALOUSSI, K. **Pesquisas-ações**: ciência, desenvolvimento, democracia. São Carlos: EdUFSCar, 2004.

BACHELARD, G. **1884-1962**: a poética do espaço. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 2 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008. (Coleção Tópicos).

BELTRÃO, K. I.; CAMARANO, A. A.; MELLO J. L. Mudanças nas condições de vida dos idosos rurais brasileiros: resultados não-esperados dos avanços da seguridade social. In: Congresso da Associação Latino-Americana de População, 1., 2004, **Anais...** Caxambú: [s.n.], 2004.

BRITO, M. E. Memória e cultura. **Caderno da Memória da Eletricidade**, Rio de Janeiro, 1989.

CARTIER-BRESSON, H. Transcrito de “O momento decisivo”. **Bloch Comunicação**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 19-25, [s.d.].

¹¹ Denominação dada antes de ser conhecido como Conjunto Habitacional Vila Castelo Branco.

CIAVATTA, M.; ALVES, N. (Org.). **A Leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação.** São Paulo, SP. Cortez Editora, 2004

DRUMMOND DE ANDRADE, C. **Poesia errante: derrames líricos (e outros nem tanto, ou nada).** Rio de Janeiro, RJ: Record, 1991. 158p.

FRANCASTEL, P. **Imagem, visão e imaginação.** Lisboa: Edições 70, 1987.
Arte e Comunicação

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo, SP: Edições Loyola, 1996. 79p.

FRANCO, M. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 17.ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 13.ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1983. (Coleção O Mundo, Hoje). v. 21.

GROS, F. (Org.). **Foucault: a coragem da verdade.** São Paulo, SP: Parábola, 2004. 166p.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo, SP: Vértice, 1990.

INFANTE, F. A resiliência como processo: uma revisão de literatura recente.
In: MELLILO, A.; OJEDA, E. N. S. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas.** Porto Alegre: Artmed, 2005

KESSEL, Z. **Memória e Memória Coletiva.** 2007. Disponível em:
<www.multirio.rj.gov.br>. Acesso em 18 de maio de 2008

KOSSOY, B. **Estética, Memória e Ideologia Fotográficas. Decifrando a realidade interior das imagens do passado.** Acervo, Rio de Janeiro, v. 6, n 1-2 p.13-24, jan/dez 1993.

_____. **Fotografia & história.** São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo.** Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica.** São Paulo, Ateliê Editorial, 2002

LACAN, J. **O Seminário: livro 17: o avesso da psicanálise.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1992. 208p

LACERDA, A. Os sentidos da imagem: fotografias em arquivos pessoais. **Acervo**, Rio de Janeiro, v.6, n. 1-2, p. 41-54, jan./dez. 1993.

LEITE, M. História e fotografia. **Vozes Cultura**, v. 86 n. 3, maio/jun. 1992.

_____; SIMSON, O. **Imagem e linguagem**: reflexões de pesquisa: reflexões sobre a pesquisa sociológica. São Paulo, SP: CERU, 1992. (Coleção Textos; Série 2, n.3).

LLOYD-SHERLOCK, P. **Ageing, development and social protection**: a research agenda. Madri: UNRISD Meeting on Ageing, Development and Social Protection, 2002.

LOPES, E. S. L., NÉRI, A. L., PARK, M. B. Ser avós ou ser pais: os papéis dos avós na sociedade contemporânea. **Textos Envelhecimento**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2005.

MERCADANTE, E. Aspectos antropológicos do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia**. São Paulo, SP: Atheneu, 1996. p. 73-76.

MIRANDA, D. **Memória e cultura**: A importância da memória na formação cultural humana. São Paulo, SP: Edições SESC SP, 2007.

NEVES, L. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. **História Oral**, n.3, 2000.

OLIVEIRA, L. A. **Um país mais velho**. Entrevista Fapesp, 03 dez. 2008.

PARK, M. Possibilidades de uso da fotografia na elaboração de projetos pedagógicos. **Revista Resgate**, n. 10, p. 29-58, 2001.

PEIXOTO, C. E. Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: _____. (Org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, n. 10, 1992.

PORTELLI, A. Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, fev. 1997.

QUEIROZ, M. I. P. O pesquisador, o problema da pesquisa: a escolha de técnicas: algumas reflexões: reflexões de pesquisa. LANG, A. B. S. G. **Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica**. São Paulo, SP: CERU, 1992. (Coleção Textos; Série 2, n.3).

RAVAZZOLA, M. C. Resiliências familiares. In: MELILLO, A; OJEDA, E. N. S. (Org.). **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Trad. Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2005

SAMAIN, E. (Org.). **O fotográfico**: fotografia e suas histórias. São Paulo, SP: Editora Hucitec/CNPQ, 1998.

SONTAG, S. **Ensaio sobre fotografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

SCHARFSTEIN, E. A construção da identidade social de uma pessoa idosa através do discurso. **Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento**, Porto Alegre, v.1, p. 77-89, 1999.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo, SP: Cortez, 2008.

VON SIMSON, O. Memória e identidade sociocultural: reflexões sobre pesquisa, ética e compromisso. In: PARK, M. B. (Org.). **Memória, formação de patrimônio e educadores meio-ambiente**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

VON SIMSON, O.; GIGLIO, Z. A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem sucedida. In: NÉRI, A. L. (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papirus, 2001. p.141-160. (Coleção Vivacidade).

Agradecimentos

Ao Progen, na pessoa da coordenadora, Izabel Cristina dos Santos Almeida e às Integrantes do Grupo Viver em Ação, participantes da pesquisa em pauta. Maria do Carmo Martins, Vera Lucia Ferreira Luiz, Célia Ferreira Andrade Augusto, Carmem Bueno Oliveira Fogaça, Ana Clemente, Maria Reis Garbini, Regiane Carminitti (coordenadora do grupo), Maria Aparecido Bento, Adeliza Braz dos Reis (conhecida por Dê), Joana Jeanete Bento Correia (conhecida por Jane), Maria da Conceição Altino, Generosa Oliveira Brito, Aparecida Afonso, Aparecida Fidélis, Hilda de Almeida, Maria da Conceição Bueno de Oliveira, Maria de Belém Santos de Assis, Neusa Alves Aurora e Zilda Pereira Colombo.

Recebido em: 10/12/2010
Publicado em: 22/06/2011